

Editorial

A revista *Textura* apresenta, neste número, o dossiê *Análises Culturais*. Os artigos que o compõem focalizam, por um lado, a questão das identidades/diferenças – diáspora negra, temática indígena e infância – e, por outro lado, práticas e significados constituídos nos variáveis usos de artefatos midiáticos, de filmes, de games, de sites, bem como disputas de sentido relativos à natureza, à agricultura camponesa e ao agronegócio, por exemplo.

As análises empreendidas têm um fio condutor comum: a abordagem da cultura em sua dimensão constitutiva e central. O sociólogo jamaicano Stuart Hall – considerado um dos fundadores dos Estudos Culturais britânicos – afirma que a cultura não deveria ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se (a economia, a política, etc.); a cultura seria, para o autor, fundamental e constitutiva dos (e, ao mesmo tempo, constituída pelos) seres humanos – seus comportamentos, sonhos, aspirações, limites, aptidões.

Na perspectiva ensejada, a cultura pode ser entendida como um conjunto de práticas e processos sociais a partir dos quais os significados são produzidos e negociados pelos sujeitos. Tony Thwaites, Lloyd Davis e Warwick Mules (1994), analistas culturais australianos, destacam que os significados são produzidos, circulam e são intercambiados na cultura e, por isso mesmo, não são, nunca, inteiramente fixados.

Alguns significados podem ser bastante estáveis, naturalmente, mas outros podem ser alta e rapidamente variáveis. Isto significa que embora os significados emergem de um contexto social, nós devemos igualmente dizer que nunca são determinados completamente pelo contexto original. Os significados migram de um contexto a outro, às vezes terminando muito longe de onde começaram – eles estão, continuamente, sendo deslocados, desviados, retrabalhados e trocados. E isso acontece não porque alguma coisa “deu errada” no processo de significação, mas porque se trata do próprio processo de significação (THWAITES, DAVIS e MULES, 1994, p. 2).

Os autores ainda afirmam que, ao invés de vermos os significados e os processos de significação segmentados em saberes e campos distintos (isto é cultura, aquilo é economia, etc.), talvez devêssemos vê-los mais como perspectivas ou, ainda, como pontos a partir dos quais pudéssemos interpretar (e entender) as coisas do mundo. Tal atitude investigativa – que não fornece explicações simplificadas, que não dá garantias e que busca, sobretudo, perscrutar os múltiplos significados produzidos por sujeitos, instituições e práticas a questões de gênero, etnia, raça, nação, classe social, corpo... – é um traço comum aos textos reunidos nesta edição da *Revista Textura*.

O primeiro texto, *El surgimiento de lo afrodescendiente en América Latina y el Caribe* de Axel Rojas Martínez (Universidad Javeriana da Colômbia) mostra que a presença de cerca de 30% de afrodescendentes naquelas regiões está, contraditoriamente, acompanhada de uma profunda ignorância com relação às circunstâncias políticas, econômicas e históricas relacionadas ao processo diaspórico desses sujeitos. O autor salienta que, do final do século XV até a segunda metade do século XX, processou-se, em toda a América, uma espécie de “invisibilização” dos grupos negros. A ruptura com esse processo se dá, em especial, pela organização dos grupos afrodescendentes na região, por suas lutas históricas, bem como por suas reivindicações e estratégias contemporâneas de organização.

O texto *Processos de escolarização de crianças e adolescentes Kaiowá e Guarani em situação de acampamento na aldeia Laranjeira Ñanderu: perspectiva dos Estudos Culturais*, de José Paulo Gutierrez e Antonio Hilário Aguilera Urquiza, analisa os processos de escolarização indígena desenvolvidos na rede de educação pública no município de Rio Brilhante/MS. Os autores mostram que os processos de inclusão de crianças e jovens Kaiowá e Guarani também possuem uma face de exclusão, visto que as relações são ainda marcadas por preconceitos e ocorre, nos currículos escolares, uma negação dos conhecimentos tradicionais indígenas.

Outro artigo dedicado à temática indígena é *Lições de natureza em uma História em Quadrinhos*, de autoria de Bruna Jamila de Castro e Moisés Alves de Oliveira (UEL). Os autores argumentam que a natureza figura, cada vez mais, como espaço de preocupação coletiva, e tal preocupação pode ser observada em 38 narrativas em quadrinhos do personagem *Papa-Capim* (Maurício de Sousa Produções LTDA), publicadas entre 2007 e 2012. Os autores discutem não apenas as representações de natureza, como também a

marcação de identidades indígenas especialmente vinculadas à proteção da natureza, com uma consciência ecológica tipicamente ocidental.

Já o texto de Marcelo Vaz Pupo e Antônio Carlos Rodrigues de Amorim (UNICAMP) debruça-se sobre a questão agrária desde a perspectiva dos Estudos Culturais de Ciência. São discutidos temas como o antagonismo agronegócio/agricultura camponesa, o fundamentalismo tecno-científico (segundo os autores, a insistente ideia de que a vida rural é “atrasada” e “desaparecerá” para dar lugar ao “futuro” e à “civilização”) e, em última instância, o endeusamento da Ciência e da Tecnologia (em oposição às imagens – comumente veiculadas – da produção via agricultura camponesa).

No texto *Representações da eutanásia no filme Mar Adentro*, Francisco de Assis Silva de Carvalho (IFET- Piauí) realiza uma análise cultural apoiada teoricamente nas reflexões de Michel Foucault. Ao analisar aspectos estéticos e discursivos, o autor o autor mostra que o filme mobiliza discursos discordantes em relação à eutanásia apenas com o intuito de desautorizá-los, fazendo prevalecer o ponto de vista segundo o qual a morte assistida é a melhor opção em casos extremos.

Em *Infância em jogo: a sala de aula como espaço de debate sobre os games para crianças*, Raimundo Martins e Jordana Falcão (UFG) discutem a *prevalência dos games no cotidiano* de crianças e jovens, aspecto que desafia professores e professoras na atualidade. Os autores defendem a ideia de que alguns aspectos críticos inerentes à área da Cultura Visual sejam incorporados às práticas pedagógicas, pois, “em vez de evitar ou controlar o acesso das crianças e jovens, é importante que pais e educadores entendam como elas se relacionam individual e coletivamente com os jogos, oferecendo-lhes ferramentas para problematizá-los”.

Abordando também o contexto escolar, José Vicente de Souza Aguiar (UEA), discute algumas de suas relações com o neoliberalismo no texto *A escola e o empresariamento do sujeito*. O autor opta por examinar sites de instituições de educação, públicas e privadas, e mostra como estes colaboram para reafirmar e instituir certos tipos de conduta para crianças e jovens escolarizados. Em especial, destaca as práticas avaliativas que inserem o sujeito numa lógica concorrencial.

Por fim, o texto *Mídia e educação: problematizando noções de território midiático*, de Samilo Takara e Teresa Kazuko Teruya (UEM), aborda as mídias como territórios discursivos úteis à Educação, por se configurar como

espaço de representação e de tencionamento das relações sociais e de certas práticas culturais.

Nos textos reunidos neste dossiê realiza-se aquilo que amplamente chamamos de análises culturais, problematizando, a partir de distintas abordagens teóricas, algumas práticas culturais usualmente tomadas como naturais e dadas a priori.

Boa leitura!

Daniela Ripoll
Edgar Roberto Kirchof
Iara Tatiana Bonin

REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v.22, n.2, jul./dez. 1997, p. 15-46.

THWAITES, Tony; DAVIS, Lloyd; MULES, Warwick. **Tools for Cultural Studies**. Melbourne: Macmillan Education Australia, 1994.